

GESTOS E PALAVRAS QUE FALAM DE DEUS

Cada um de nós tem de preparar os seus filhos para o tempo e mundo no qual vive e que não é hegemónico! O mundo hoje é muito plural, bem como cada um de nós. As representações que temos do mesmo são diferentes, as apropriações que disso fazemos são diversificadas e as recomposições do real e do religioso são múltiplas; isto são características do homem pós-moderno, que valem para este tema como valem para a política, os valores universais, a cultura, etc., por isso, não há modos de fazer definitivos, há buscas e procuras que dão pistas, e nada mais!

O tema de hoje são coisas que todos sabemos; é isso que é bom nas sínteses: podermos reconhecer-nos nessas tentativas de dar unidade a dados dispersos. A ideia será aterrarmos no concreto da fé cristã, no específico da fé cristã.

Vamos visitar as Escrituras e a História da Salvação, porque nela se vê não só a presença de Deus, mas também a maneira como Ele se quis revelar e a pedagogia como o vai fazendo.

O que é típico da fé cristã é basicamente o tema da Aliança, que assume no Antigo Testamento a forma de libertação do Povo da escravidão e, no Novo Testamento a libertação do Homem e sua possibilidade concreta de divinização através da morte e ressurreição de Jesus. Isto pressupõe a consciência de um Deus que é alteridade, é um totalmente Outro, pressupõe que Ele é quem toma a iniciativa:

- primeiro pela própria criação e estrutura espiritual que confere ao homem,
- depois pela liberdade que lhe restitui em Jesus.

Este assunto cai mal nos ouvidos contemporâneos que gostam de se achar construtores de si próprios, actores principais dos seus processos de auto-desenvolvimento pessoal, senhores da sua vida e das suas decisões livres.

Mas é assim. A espiritualidade cristã é este encontro entre um Eu com um Tu e um nós. Em muitas outras espiritualidades não é assim! Só é assim nas que descendem do pai da fé - Abraão.

1. Falar de Deus aos nossos filhos é deixar que o Espírito actue em nós e neles

Quero muito começar por lembrar aquela passagem em Jo 16, 7 na qual Jesus diz aos discípulos que é bom que Ele parta, porque se não partir não lhes poderá enviar o Espírito: e é Este que lhes ensinará todas as coisas e os conduzirá à verdade.

Nesse momento Jesus afirmou, como em muitos outros, que **o que caracteriza o Homem-imagem de Deus é o seu estatuto de liberdade e autonomia responsável. Não há receitas, não há imitações, há descoberta constante e actualização.**

Educar para a espiritualidade cristã é assunto que se faz num discernimento com o Espírito Santo de Deus: rezando.

Nós próprios temos de ir rezando e rezando a vida. E temos de ensinar os nossos filhos a rezar desde o berço.

Diz Rahner que *'o cristão do futuro, ou será um místico, ou não será nada'*¹, porque a fé se vive hoje na primeira pessoa e, por isso, a nossa educação deve introduzir os filhos neste encontro pessoal com Deus através da Oração. É rezar a toda a hora, como um verdadeiro povo de Deus, separado para Ele para viver em intimidade consigo:

. Rezar quando deitamos o bebé, e também agradecendo o leitinho bom que temos para lhe dar.

¹ Cf. Karl Rahner, *Elementos de espiritualidad en la iglesia del futuro*. In GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno, - *Problemas y perspectivas de espiritualidad*. Salamanca, Editiones Sígueme, 1969, p.469

- . Rezar agradecendo a Deus este bebé e toda a profundidade das suas ressonâncias em nós.
- . Rezar deixando-se transfigurar pela própria presença do filho, de tal forma que essa nossa transfiguração passe para o bebé, que se soubesse falar diria imediatamente: vamos montar aqui três tendas....
- . Rezar depois com ele; deixá-lo ver que eu também rezo sozinha (foi essa curiosidade que levou os Apóstolos a pedirem a Jesus que os ensinasse a rezar); rezar quando a papa vem para a mesa, agradecer ao Jesus esta papa tão boa! Pensar nos meninos que não têm papas tão boas. Com simplicidade, sem exoterismos nem grandes ritualidades.
- . Rezar ensinando o gesto, os beijinhos ao Jesus, o sinal da cruz, a bênção. Gesto que vai sendo apropriado e que depois se transforma em gesto seu.
- . Rezar com a Mãe Maria, mãe de Jesus e Nossa Mãe, com o terço na mão, com a ternura de mãe e pai.
- . Rezar para pedir a Jesus ajuda e coragem quando a vida não corre tão bem, quando para começar a andar começam os tropeços e as quedas.

Tudo isto sem ‘beatices’, no normal do quotidiano, como expressão sincera desta minha ligação a Deus.

E rezar de vez em quando na Missa, com outros cristãos.

Há quem reze de vez em quando em família; talvez fosse importante ousar fazê-lo!

O rezar cristão é conversar com Alguém: é falar e é ouvir. Primeiro através dos Pais, depois, aos poucos no coração, sem explicações.

Podemos só por isto ver que a relação que vamos estabelecendo ao nível humano é já indicadora de como a criança se posiciona perante a relação com Deus. Se tem atenção, dá atenção, se é ouvida com carinho, escutará com carinho, se há tempo para ela, dará tempo aos outros e a Deus.

2. Falar de Deus aos nossos filhos é assunto do quotidiano: transmissão da memória crente

De geração em geração, de pais para filhos, através das catequeses e das festas e liturgias, uma maneira de ser cristão foi correndo até chegar a nós.

Os pais e avós sempre tiveram um papel fundamental nesta transmissão, e não se falava muito dele, porque não era preciso! O mundo ocidental era cristão e todos bebiam, melhor ou pior, de um ambiente com certos valores e certos comportamentos; eventualmente os nossos avós nem tiveram de se preocupar com o facto de estarem ou não a educar os filhos na fé de Jesus Cristo, porque estava implícito social e culturalmente que assim era.

Mesmo quando esse ser cristão não era opção pessoal e eventualmente não tão assumida quanto é hoje pelo homem pós-moderno, tinha passado para a religiosidade popular e para a cultura uma certa maneira de estar e de fazer imbuída de cristandade.

Não me posso esquecer de uma idosa sem qualquer espécie de escolaridade que conheci, e que muitas vezes em conversa me dizia: já me dizia a minha mãezinha,..... e contava-me uma história que era uma história de Jesus. Ela sabia a lição de vida, não sabia de onde vinha, a não ser que era uma sabedoria da religião que lhe tinha sido transmitida pela mãe.

Memória crente não é lembrança, é actualização.

É no ‘caldo’ familiar que as crianças absorvem e integram uma maneira de estar que por si só fala de Deus, porque fala do que está dentro do coração de cada um. Chamamos a isto **Testemunho**.

A criança forma a sua personalidade crente no convívio com personalidades crentes: “*é a imitação das pessoas significativas (pais) que, na fase intuitiva, alimenta esta fé incipiente e não analítica, sem que a criança possa diferenciar entre conhecer e sentir*”².

Tal como é neste mesmo caldo que integram todos os outros processos de socialização, desde o comer, ao conversar, passando pela hierarquização de valores e sentidos..... Os meus filhos andam como eu ando, respeitam mais ou menos a natureza conforme eu lhes incuti isso, olham os sem-abrigo com compaixão ou desdém conforme os comentários que vão ouvindo da minha boca, partilham aos outros como eu partilho, têm um sentido de justiça ou de equidade conforme eu exerço um ou outro.....

O Espírito de Deus, nos corações de cada bebé e criança certamente lhes criará o ‘desejo de Deus’ e ajudará a perceber tantas coisas que a ‘cabeça’ por si só não percebe, mas Deus só pode ser falado às crianças através das pessoas que com elas partilham **espaços e tempos de presença**.

Desde que os pequeninos nascem, Deus fala-lhes de muitas maneiras, e algumas podem ser entrevistas.

Cada um fala de Deus à sua maneira, como sabe, como consegue, e os gestos de cada família não se podem considerar como a maneira certa ou a única: mas servem de exemplo.

3. Deus fala-nos principalmente através de Jesus Cristo

Cada um fala do Deus que conhece, porque nenhum de nós tem ‘linha directa’ para Deus: só Lhe chegamos através de representações. Desde a antiguidade e em muitas outras religiões actuais, as representações de Deus são diferentes.

O acesso da Deus faz-se por representação; não é por ligação directa, e só assim se explicam as imagens de Deus que vamos tendo ao longo da História. Mesmo do Deus cristão, mostrado em Cristo! É sempre a nossa interpretação do ‘facto’ Deus, gestos, palavras, coisas, acontecimentos, que nos dizem algo a respeito d’Ele.

O que acontece é que Deus quis intervir de alguma maneira nas nossas capacidades representativas e para isso escolheu um povo e **deu-Se a conhecer** de certa maneira, e depois, veio **Ele próprio** tirar as teimas. Como se isso não bastasse, deixou o Espírito Santo que a cada momento da história nos conduzirá à verdade.

Nós cristãos, podemos reconhecê-lo timidamente na Criação, na beleza, na bondade, na sabedoria: são tudo representações; mas **na fé cristã temos uma mediação que é para nós verdadeira: Jesus Cristo**. Ele permite-nos a melhor e mais completa representação de Deus. Ele próprio diz que ninguém vai ao Pai senão por Ele. Ele dá-nos a conhecer Deus que é Pai e que é como Ele, porque quem O vê, vê o Pai. Dá-nos a conhecer um Deus amor, perdão, compaixão, justiça feita de certa maneira, vida nova que transforma.

E dá-nos a conhecer **o Homem**, porque é imagem igual à d’Ele: **imagem e semelhança de Deus, imagem e semelhança de Cristo**. Isto é diferente de um qualquer humanismo horizontal, porque é sempre uma adoração de um Deus que não coincide totalmente com o homem.³ E é sempre uma aposta no homem muito maior e uma esperança sem limites. Deus fez-se homem, para que o homem fosse tornado deus, diz Santo Ireneu no séc. IV; a encarnação de Jesus é também para que o Homem se aperceba da sua enorme dignidade.

Falar de Deus aos pequenitos, é dar-lhes a conhecer Jesus Cristo.

² in Cristina de Sá Carvalho, *Psicologia-Curso geral de formação de catequistas*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa 2004, p.60.

³ Cf. Karl Rahner, *Elementos de espiritualidad en la iglesia del futuro*. In GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno, - *Problemas y perspectivas de espiritualidad*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1969, p.463-473

Jesus tem de ser apresentado aos pequeninos, através das suas histórias; primeiro das histórias que Ele contou; depois das histórias d'Ele com os outros, as que Ele viveu.

Contar, narrar é deixar em aberto a história, permitir que eles tirem as suas ilações, não querer dar a história toda, explicá-la, ainda lhe tirar a moral e deixar os miúdos com uma data de letras sem vida. Não é o mesmo que a história da cigarra e da formiga, ou do chapéuzinho vermelho que têm uma moral fechada. Jesus é poesia, é transcendência, é abertura ao mistério feito também com a acção do Espírito Santo. Na Sua Palavra, Deus encontra-Se presente, e o Seu Espírito abre-A e abre-nos ao mistério nela contida.

Lá virá o tempo no qual teremos de o enraizar numa experiência de vida mais concreta e que exija compromisso mais moral!

Existem pequenos livros bons, e existem livros muito maus, que matam a letra, que são redutores. Existem filmes bons e existem filmes maus.⁴

Toda a representação gráfica pode abrir ou fechar. Cada um tem de escolher. Ler primeiro e escolher. Mas ler sempre primeiro!

Jesus é menino como eles, e é amigo. Mais amigo que o Anjo da guarda! 'Jesus gosta de mim e fica contente quando eu sou amigo dos outros. E nunca fica triste comigo, mesmo quando eu não sou amigo e faço birras. Jesus não gosta disso, mas ajuda-me e pede-me para melhorar, ele acredita que eu posso ser sempre amigo.'

Jesus nunca fez chantagem emocional com as pessoas que se aproximavam d'Ele. Não andou atrás do Jovem rico mesmo quando viu que ele vacilava; não andou a chantagiar Pedro depois de o ter avisado de que o negaria, nem rogou pragas a Judas quando se apercebeu que ele o ia entregar. Jesus leva a sério a nossa liberdade e diz o que deve ser dito na hora certa, mas depois não fica a remoer.

Também dou a conhecer Jesus através da Igreja e dos Sacramentos: corpo Sacramental e Eclesial - isto é: os gestos e as palavras da liturgia, o símbolo no sacramento, a comunidade reunida em oração ou partilha de vida, os ritos, fazem-nos ter as tais representações de Deus, sem as quais, não conseguiríamos conhecer nem o Seu amor nem a Sua dinâmica transformadora.

Os símbolos falam por si, não precisam de explicações. Mas não são só sinais! A criança tem, até aos 6 anos, uma capacidade extraordinária de se relacionar com os símbolos. É na construção do seu mundo simbólico que ela vai aprender a relacionar-se com o mundo.

O rito também é importante: é o que mais faz perdurar a identidade de qualquer grupo social; no caso nosso, cristão católico, o rito actualiza a presença da maneira como Jesus quis que ela se actualizasse. Na comunidade reunida em Seu nome – foi Ele que o disse; no pão e no vinho consagrados – foi Ele que o instituiu; naquele senhor que está vestido de uma maneira especial e diferente de todos – o padre, também foi Ele que o quis.

Aos poucos a criança vai percebendo que aqueles gestos e palavras fazem sentido para aqueles em quem ela acredita. Apontam para qualquer coisa que ela não percebe. Aos poucos vai sendo introduzida em ritmos que não dependem dela, vêem-lhe do grupo. Tudo isto é um mergulhar numa dinâmica que a nós próprios tantas e tantas vezes nos escapa.

Fá-la desejar crescer para fazer coisas que outros fazem e ela, por ser pequenina, ainda não pode fazer.

Estas pequenas celebrações ou momentos celebrativos também podem existir em casa. Os pais podem criá-los, começando assim esta pedagogia de ir conduzindo os pequeninos para uma abertura à compreensão do sacramento, da mediação, da presença intensa e pontual de Deus companheiro.

Levar os pequeninos ao espaço onde as pessoas se reúnem é importante, para que eles também se apropriem desse espaço, tornando-o seu, passando para dentro e sentindo-se em casa. Ajudá-los a

⁴ Oportunamente daremos neste site uma listagem de livros e filmes que nos parecem bons.

fazer o movimento de passar de fora para dentro da comunidade crente, e adquirirem assim a noção de pertença.

A noção que eles terão de Igreja, é aquela que vivem com os Pais. A fraternidade, a partilha, são marca dos cristãos desde os primeiros tempos. Ser de Jesus traz isso consigo!

4. O Tempo e o espaço falam muitíssimo de Deus.

A espiritualidade cristã implica que eu me deixe andar ao ritmo de Deus. Esse ritmo e esse andar pressupõem um certo tempo e um determinado espaço, que é o da nossa história pessoal e o da história que se junta à dos outros, aqui e na eternidade. Gosto deste tema e sinto-o importante, porque o homem pós moderno também o tem tematizado na sua existência sob muitas formas, e vive hoje com uma enorme consciência deste seu existir no tempo e espaço concretos.

Deus ensinou ao seu Povo como se organizar para viver com ele. Talvez pudéssemos também aprender desta maravilhosa pedagogia divina.

Ele usou de todos os sinais presentes na sua própria criação para levar o povo a conhecê-lo e a amá-lo: levou-os a perceber que Ele é O Deus, que é o totalmente outro, e que é o totalmente presente. Conduziu-o através do deserto e deu-lhe o que ele precisava para sobreviver e também para se despojar dos acessórios.

Organizou-lhes o tempo e o espaço: começou a estabelecer tempo para andar, tempo para permanecer, tempo para adorar, tempo para trabalhar, santificou um dia da semana transformando-o em tempo para contemplar.

Nos primeiros meses de maternidade/paternidade, nós temos bem esta noção da necessidade de organizar o tempo: tempo para as mamadas, tempo para as lavagens, tempo para descansar, tempo para contemplar o bebé, tempo de acção de graças como casal..... E vamos organizando o tempo dos nossos pequenitos. À medida que crescem é mesmo uma necessidade que temos: organizar bem o tempo das crianças, porque isso lhes traz estabilidade, lhes dá segurança, e permite-nos ter espaços comuns e próprios.

No mundo de hoje nós vivemos o tempo como uma realidade agressiva, porque ele não chega, porque ele está muitas vezes mal gerido e os tempos invadem-se mutuamente; isso não é cristão! Perdemos mesmo o domingo, tempo de Deus por excelência, e o Papa João Paulo II insistiu em bastantes escritos na necessidade de preservar o Domingo como tempo dedicado às coisas de Deus, como tempo que fala de Deus.

A organização do tempo não tem só repercussões exteriores, ela molda-nos interiormente. O tempo fugaz no qual as pessoas estão sem estar, dão um instantinho aqui e ali, molda a superficialidade; o tempo mais longo permite a interioridade. **O tempo fala de Deus e pode continuar a falar.**

Mas Deus não se limitou a moldar o tempo: moldou também o espaço. E deu indicações para que onde quer que se chegasse, se construísse uma tenda, lugar da Sua presença. No livro do Deuterónimo estão todas as indicações de orientação, como pôr cada pilar, quem lá pode entrar, como realizar o culto.....

E em toda a tribo, se começaram a estabelecer especialidades e diferentes tipos de mediação. Foi-o fazendo aos poucos. **E assim, o espaço também fala de Deus.**

Nesta pedagogia do espaço, fez o Povo caminhar da exterioridade cheia de regras, para a interioridade já anunciada nos Profetas ('Levá-lo-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração', em Oseias) e realizada em Jesus, no encontro com Ele e no facto de depois de morrer e ressuscitar Ele, com o Pai terem feito morada no Homem. Transformou as nossas vidas em Templo do Senhor, espaço Sagrado.

Pergunto-me muitas vezes qual o espaço e sinais visíveis de Deus que temos em casa? Há casas onde as pessoas têm cantinhos de oração, cruces ou ceias na casa de jantar, Jesus menino num

paninho em cima de uma mesa, uma Nossa Senhora com uma flor..... e há casas onde os lugares das cruzes são insignificantes ou não há mesmo nenhum sinal de Deus.

Como é que proporciono aos meus pequeninos estes momentos sagrados, de presença intensa de Deus e que são vividos de forma especial.

Kant fala-nos do tempo e do espaço como realidade à priori, estruturantes do ser humano.

Podem dizer-me: Jesus aboliu o tempo e o espaço porque ao habitar no nosso coração, passou a organizá-lo em nós, deixou-o ao nosso critério. Não é verdade isto!

Jesus deu ao tempo e ao espaço uma nova dimensão! S. Paulo diz isso muito bem quando fala de andarmos revestidos de Cristo, como hóstias vivas, templo do Senhor: quer dizer, responsabilidade acrescida.

A resposta que os primeiros cristãos dão imediatamente a esta revelação é o Domingo como dia do Senhor, o pão repartido em casa uns dos outros, no contexto de uma refeição, de uma partilha de bens e de seres. O espaço é lugar de construção do Reino e nós pedras vivas dessa construção.

A questão que fica é como é que nos organizamos para oferecer aos nossos filhos uma leitura cristã do tempo e do espaço, a qual inclua Deus sempre mas em níveis de presença e intensidades diferenciados.

Conclusão

Os nossos gestos e as nossas palavras falam de Deus se nós formos o tal povo sacramental, dedicado ao Senhor, que vive no Seu amor.

Falar do Deus cristão é falar de alguém que se mostrou homem feito Jesus, que viveu de certa maneira e tratou os outros com compaixão, servindo até dar tudo. É ter a consciência de que não estamos sós no mundo, somos dependentes de alguém e livres para O amar e lhe responder querendo ser de uma maneira determinada.

Falar de Deus cristão é falar com Ele, perdoar como Ele, partilhar a vida e os bens como Ele. É aprender a ser fiel.

Tudo isto se aprende em casa com os Pais e depois deve confirmar-se sistematicamente; tudo isto se vive também em Igreja, pois é nela que o Espírito habita e é nela que se vive a presença sacramental de Jesus que nos ajuda a ser como Ele.

É conduzir os nossos filhos a um encontro com o Deus de Jesus Cristo.

BIBLIOGRAFIA

ALFREDO TEIXEIRA, *Não sabemos já donde a luz mana-ensaios sobre as identidades religiosas*, Paulinas, Lisboa, 2004.

AUDINET, Jacques , *Coordonées du christianisme*. In : BEAUDE, Pierre-Marie .

BONGARDT, Michael, *existencia estética e identidad cristiana. Sobre la posible forma de cristianismo en la sociedad de la vivencia*, in Concilium. 282 (1999), pp.87-99.

CHAMPION, Françoise, *Religiosidade Flutuante, ecretismos e sincretismos* in *As grandes religiões do mundo*, DELUMEAU, Jean, Editorial Presença, Lisboa 1997.

- FANTINO, Jacques (dir), *Le christianisme dans la société. Actes du colloque international de Metz (mai 1995)*. Paris : Les Éditions du Cerf, Université de Metz, Les Presses de l'Université Laval, 1998, pp. 13-31.
- JONCHERAY, Jean, *Les institutions de la mémoire croyante*. In : BEAUDE, Pierre-Marie .FANTINO, Jacques (dir), *Le christianisme dans la société. Actes du colloque international de Metz (mai 1995)*. Paris : Les Éditions du Cerf, Université de Metz, Les Presses de l'Université Laval, 1998, pp. 131-144.
- LIPOVETSKY, Gilles, *A era do vazio, Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Do francês de Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1989, pp. 47-74
- RAHNER, KARL *Elementos de espiritualidad en la iglesia del futuro*. In GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno, - *Problemas y perspectivas de espiritualidad*. Salamanca, Editiones Sígueme, 1969, p.469
- SÁ CARVALHO, Cristina, *Psicologia-Curso geral de formação de catequistas*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, lisboa 2004, p.60.
- SCHILEBECKX, Edward, *L'histoire des homes, récit de Dieu*, Trad. Do flamengo de Hélène Cornelis-Gevaert, Col. Cogitatio Fidei, Paris, Les Éditions du Cerf, 1992, pg. 58-63
- VILLEPELET, Denis, *Catéchèse et crise de la transmission*. In : GAGEY, Henri-Jérôme VILLEPELET, Denis (dir.), *Sur la proposition de la foi*, Paris : Les Éditions de l'Atelier / Les Éditions Ouvrières, 1999, pp.77-91.
- X SIMPÓSIO DOS BISPOS DA EUROPA , *Os Jovens Da Europa Na Mudança. Laboratório De Fé*, In: LUMEN, Maio/Junho 2002, pp. 10-36.